

PERFIL DA PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS FLORES DE CORTE NO ESTADO DE SÃO PAULO¹

Mário Pires de Almeida Olivetti²
Marineusa Takaes³
Minoru Matsunaga⁴

1 - INTRODUÇÃO

Até recentemente a produção de flores e plantas ornamentais desenvolveu-se com a participação de associação de produtores ou por cooperativas sem apresentar evidências de um movimento de integração com os demais segmentos envolvidos no processo, tanto da produção como da comercialização, do setor de insumos e outros.

A instalação, em fevereiro de 1992, da Câmara Setorial de Flores e Plantas Ornamentais do Estado de São Paulo, como fórum de debates, teve por objetivo integrar as ações dos diferentes segmentos do setor, visando o seu desenvolvimento harmônico e abrangendo produção; comercialização; ensino; pesquisa; assistência técnica; serviços e insumos, como sementes e mudas; além da participação da área financeira, representada pelo Banco do Estado de São Paulo (BANESPA) e Nossa Caixa Nosso Banco.

As preocupações, representadas pelas questões emergentes como qualidade, padronização, tecnologia, exportação, fitossanidade, entre outras, passam pelas discussões entre os diferentes segmentos da floricultura através do fórum da Câmara Setorial.

O suporte da comercialização é dado no varejo pelo Sindicato do Comércio Varejista de Flores e Plantas Ornamentais do Estado de São Paulo (SIN-

DIFLORES); dois mercados atacadistas, representados pela Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP) e Centrais de Abastecimento (SA-CEASA) Campinas; e um sistema de leilão representado pela *veiling* da Cooperativa Agropecuária Holambra I.

O surgimento do MERCOSUL traz perspectivas para o crescimento das exportações, no entanto, o setor produtivo deverá buscar cada vez mais aprimorar sua eficiência, reduzindo custos e estabelecendo parâmetros para a produção, pois o mercado será mais exigente quanto à qualidade e preços, as tecnologias de ponta como a plasticultura e biotecnologia são instrumentos importantes na padronização e qualidade da produção, colocando as flores e plantas ornamentais como uma opção promissora a mais na competitiva agricultura do estado. Segundo dados do Departamento Técnico de Intercâmbio Comercial do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo (DTIC/MICT), as exportações brasileiras em 1993 alcançaram US\$13,2 milhões, com o Estado de São Paulo sendo responsável por 63% desse total, enquanto o comércio mundial gira em torno de US\$5 bilhões anuais. Uma característica marcante da atividade é de não demandar grandes áreas e, mais ainda, por demandar um contingente em mão-de-obra expressivo, significando cerca de 20 empregos/ha de cultura (FLORA CULTURE INTERNATIONAL, 1992).

¹O estudo é parte integrante do projeto SPTC 16-027/93. Os autores dedicam esse trabalho ao colega Pesquisador Científico Elcio Umberto Gatti, *in memoriam*. Recebido em 17/05/94. Liberado para publicação em 16/06/94.

²Geógrafo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Matemático, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

⁴Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

2 - O PROBLEMA

É reconhecido que a floricultura desenvolve-se em pequenas áreas e próximo aos grandes centros consumidores. Isso se deve à natureza do produto como flores cortadas, que necessitam de rápida comercialização, não havendo possibilidade de armazenamento para período longo, pois a durabilidade é de poucos dias.

A produção no Estado de São Paulo localiza-se num raio máximo de 150 km em relação à capital, onde os municípios de Atibaia, Jaguariúna, Cotia, Ibiúna, Arujá e Moji das Cruzes são associados tradicionalmente com a produção de plantas ornamentais e flores. Segundo informações das associações de produtores, cerca de 2.500 pessoas no estado dedicam-se a essa atividade. Apesar de muitos serem associados não há informações disponíveis ao público do que, quanto e onde se produz e quem é o produtor. A especialização é conhecida entre os associados, regra geral, para as flores e plantas ornamentais tradicionais e de maior volume em comercialização como crisântemo, rosa, samambaia, violeta, azaléia, etc., mas há carência de informações das outras espécies de flores e plantas ornamentais produzidas. A Associação dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais (PROFLOR) é uma das poucas que coloca ao público, uma publicação com o nome do produtor, localização do bairro e as principais espécies cultivadas por produtor (PROFLOR, 1993).

CASTRO (1992) cita as principais regiões produtoras de cerca de 70 municípios do estado, na maioria próximos à capital. Alguns, porém, ficam mais distantes em regiões privilegiadas para o desenvolvimento da cultura como a produção de antúrios no Vale do Ribeira e Paranapanema, área de produção recente através da Holambra II.

Outros estudos existentes como os de GATTI (1988 e 1992) abordam a produção bem como aspectos da comercialização interna e exportação de produtos do setor. Em número restrito existem alguns outros estudos sobre a produção e estrutura produtiva (MIRANDA, 1970 e CRISCUOLO, 1980).

MATHES (1985) apresenta um histórico do setor mostrando que a floricultura, a partir da década de 50, como atividade de fundo de quintal, desenvolveu-se para um setor estruturado da produção na eco-

nomia do estado. CASTRO (1992) também destaca a evolução do setor em período mais recente.

A dificuldade presente está em conhecer o perfil do produtor e da sua produção, exceção feita pelas informações pontuais. A própria Câmara Setorial já discutiu o problema e foi sugerido o levantamento de um cadastro de produtores. Contudo, o projeto esbarrou no recurso financeiro para a sua efetivação. Na medida em que esta disponibilidade de informações não é viável a curto prazo, a proposta desta pesquisa é suprir parte das necessidades, através do levantamento da origem do produto comercializado, o que permite ter uma noção mais clara da especialização da floricultura por região de produção.

3 - DADOS PARA ANÁLISE

O Estado de São Paulo possui três centros de comercialização de flores e plantas ornamentais. A CEAGESP é o principal e tradicional centro atacadista do mercado de flores. Atendendo ao mercado atacadista nas terças e sextas-feiras da semana, tem um movimento expressivo de cerca de US\$200 milhões anuais. Mais recentemente, em agosto de 1993, a CEASA Campinas colocou em funcionamento o atacado de flores e plantas ornamentais que funciona no período da tarde das segundas e quintas-feiras, significando uma alternativa de comercialização para os produtores da região de Campinas e Atibaia.

O terceiro centro de comercialização localiza-se em Jaguariúna, junto ao *veiling* da Holambra, distante cerca de 140 km da capital do estado. O *veiling* iniciou o seu leilão em 1989, funciona diariamente no período matutino inclusive aos sábados. A HOLAMBRA também tem condições de fornecer dados estatísticos de comercialização, principalmente para aqueles produtos que não são de comercialização mais comum pela CEAGESP. Os dados destes produtores, regra geral, são de associados e com localização específica na região. Acrescente-se ainda que pelo tempo de funcionamento, a série de informações é pequena.

A CEAGESP tem o registro dos produtos comercializados do setor há vários anos. Assim, para efeito de análise, o seu BOLETIM ANUAL (1983-91) servira de base para o presente levantamento, no qual

estão apresentados as quantidades comercializadas, os preços e a procedência dos diversos tipos de flores e plantas ornamentais comercializadas por aquele entreposto. A listagem dos produtos da floricultura comercializada na CEAGESP cobre a maioria das flores de corte: algumas plantas de flor em vaso como o crisântemo; flores secas e folhagens de corte, como samambaia; outras plantas de folhagens ornamentais em vaso; mudas de árvores para arborização; e palmeiras, tuias e grammas, entre outros. Porém, não se tem o registro de outras flores em vaso como violeta, que é atualmente a principal flor comercializada dessa forma.

Como as flores cortadas representam o principal segmento da comercialização de flores e plantas ornamentais, foram selecionadas para análise as seis espécies representativas: crisântemo comum, rosa, branquinha, mistura de flores, cravo e gladiolo.

As estatísticas de comercialização do setor, ano a ano, foram apresentadas por GATTI, 1992. Contudo, englobam as quantidades comercializadas provindas de outros estados diferindo no total, por ano, dos dados do presente trabalho que apresenta as estatísticas de entrada na CEAGESP somente da produção do estado, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), composta atualmente de quatorze regiões agrícolas da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Questões técnicas internas da CEAGESP não permitiram que os dados mais recentes pudessem ser agregados para análise.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados estatísticos da CEAGESP no período de 1983 a 1991 mostram que houve aumento geral na quantidade comercializada de flores cortadas, e as principais comercializadas em 1983 foram: crisântemo comum, rosa, branquinha, mistura de flores, cravo e gladiolo (Tabela 1).

Em 1991 o crisântemo de corte foi o principal produto comercializado com 11,9 milhões de maços, o que correspondente a 29,9 milhões de dúzias. Em segundo lugar vem a rosa com uma quantidade comercializada de 4,8 milhões de dúzias; branquinha (3,9%); mistura de flores (5,4%); gladiolo (1,1%); e o cravo, participando apenas com 0,21%. Essa tendência das principais flores de corte como rosa e crisântemo

comum vem se mantendo crescente, além da branquinha e mistura de flores (Figuras 1 e 2). As exceções ficam para gladiolo e cravo, ambos mostrando tendência decrescente na quantidade comercializada no período de 1983 a 1991, sendo que o cravo, em tempos passados, representava a principal flor cortada comercializada pela CEAGESP (MIRANDA, 1970). Os resultados obtidos por produto estão representados numericamente por DIRA: Registro (2), São José dos Campos (3), Sorocaba (4) e Campinas (5), sendo as mais representativas nessa atividade hortícola.

No período de nove anos, as principais flores cortadas como rosa, crisântemo de corte e mistura de flores tiveram aumento significativo na comercialização. Porém, outros produtos como antúrio, gladiolo e cravo apresentaram tendência decrescente na comercialização. Os dados da tabela 1 podem não representar a comercialização realmente ocorrida. Com a entrada em atividade do *veiling* da HOLAMBRA, pode ter havido deslocamento na comercialização para esse novo centro distribuidor, além do que, podem estar sendo comercializados diretamente junto às floriculturas, pois o número cresceu bastante nesses últimos anos. Alguns produtos, como o antúrio, são vendidos diretamente através das cargas de retorno dos caminhões que vêm do Sul sem passar pela CEAGESP, o que poderia estar refletindo nas estatísticas dos dados apresentados.

- Crisântemo Comum

O crisântemo comum é a principal flor cortada comercializada no estado (Figuras 1 e 2). O crisântemo de corte foi produzido e comercializado por 131 municípios no período considerado. Apesar dessa dispersão, o cultivo predomina nos municípios próximos a São Paulo, destacando-se: Moji das Cruzes, na DIRA de São José dos Campos; Ibiúna, Cotia e São Roque, pertencentes às DIRAs de Sorocaba; e Atibaia, São Paulo, Campinas e Itapeverica da Serra, na DIRA de Campinas, com quantidades comercializadas acima de 300,0 mil maços por ano (Figura 3). Também são expressivas as quantidades comercializadas pelos municípios de Guarulhos, Jacareí, Ribeirão Pires, Itapevi e Vargem Grande Paulista.

Transformando-se o número de maços para

TABELA 1 - Quantidade Comercializada de Flores e Plantas Ornamentais pela CEAGESP, São Paulo, 1983-91

Item	1983	1984	1985	1986	1987
Em dúzia					
Antúrio	78.698	37.036	81.747	36.067	30.914
Copo-de-leite	566	472	6.703	12.413	24.214
Crisântemo japonês	29.977	16.038	31.174	26.641	13.896
Cravo	277.639	271.418	326.614	327.625	117.837
Estrelitza	132.615	129.949	150.211	129.611	115.648
Lírio	25.200	67.714	130.516	69.127	69.787
Rosa	3.990.184	3.735.150	4.411.960	3.707.770	4.473.795
Em maço					
Branquinha	495.318	746.853	1.018.581	1.274.721	1.304.100
Crisântemo comum	8.084.024	8.310.772	9.068.248	9.548.286	11.133.010
Estatice	2.775	6.068	84.753	108.170	81.063
Gladiolo	3.333.243	1.019.306	741.406	686.368	873.846
Mistura de flores	449.785	873.528	1.291.279	718.548	533.884
Item	1988	1989	1990	1991	
Em dúzia					
Antúrio		48.705	89.912	54.800	62.462
Copo-de-leite		45.864	56.659	50.435	51.182
Crisântemo japonês		10.934	102.293	61.323	27.457
Cravo		106.859	80.028	85.789	85.617
Estrelitza		133.387	167.094	123.722	123.756
Lírio		110.457	209.302	186.901	176.630
Rosa		4.652.529	4.619.011	4.293.126	4.819.373
Em maço					
Branquinha		1.564.893	2.025.856	2.213.935	2.451.638
Crisântemo comum		12.992.576	12.810.575	10.190.386	11.955.693
Estatice		62.288	79.266	88.701	104.125
Gladiolo		604.466	665.680	611.098	481.880
Mistura de flores		447.991	994.024	902.379	964.373

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

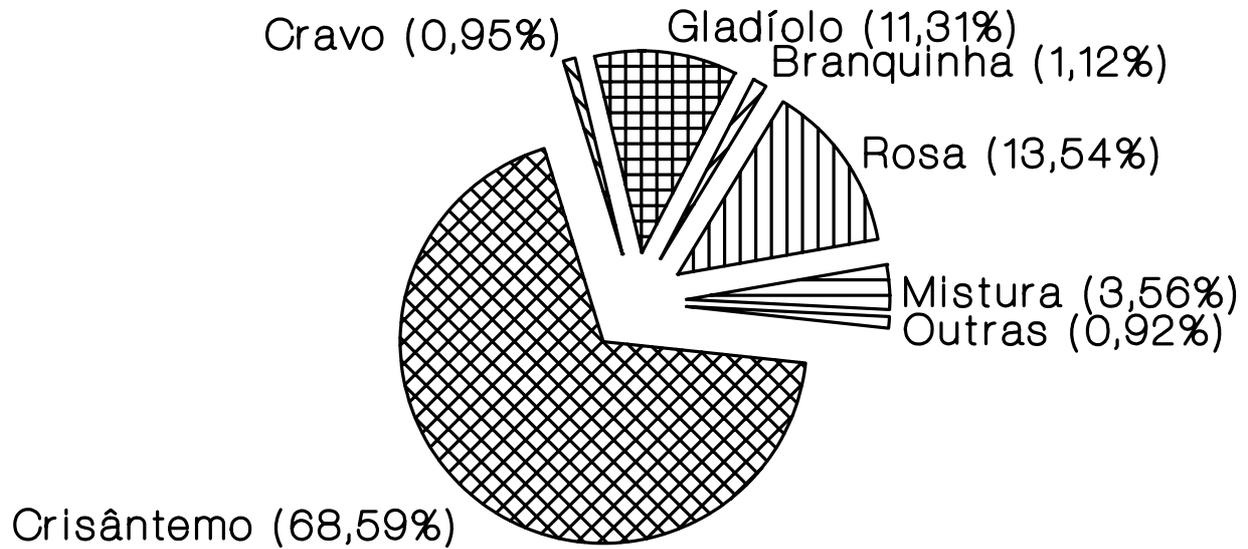


FIGURA 1 - Participação de Seis Flores de Corte no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

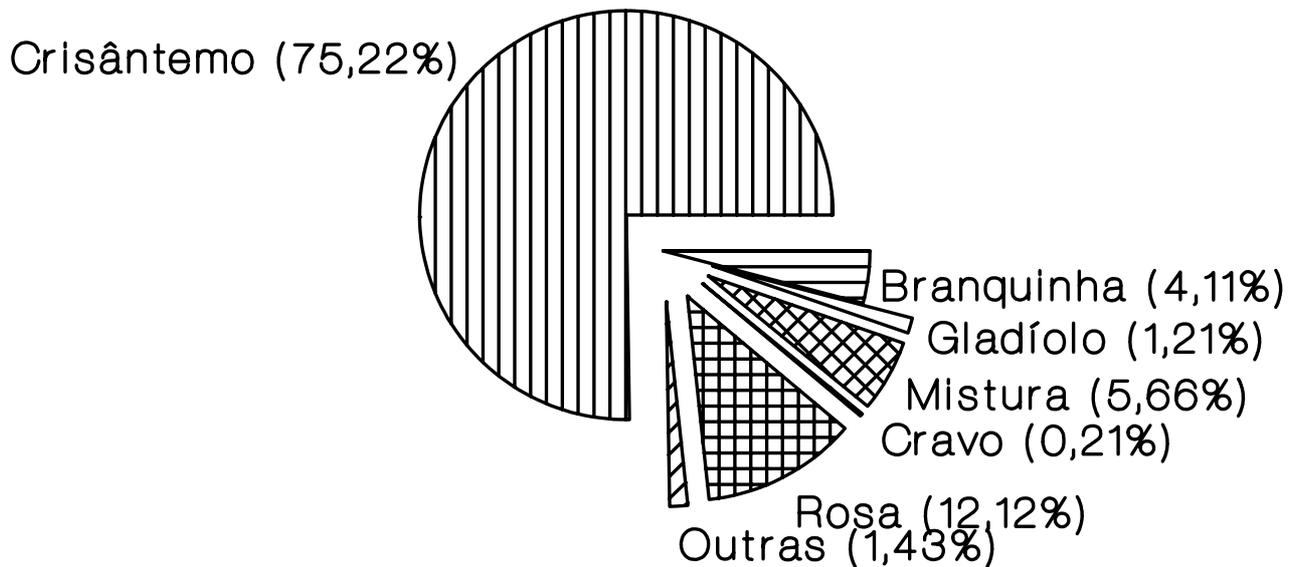


FIGURA 2 - Participação de Seis Flores de Corte no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1991

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.



FIGURA 3 - Principais Municípios Produtores de Crisântemo Comum, Estado de São Paulo, 1991.
 Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

dúzias chega-se a um número significativo de 29,9 milhões de crisântemos comercializados em 1991, enquanto que nesse mesmo ano foi comercializado um total de 4,8 milhões de dúzias de rosa. A quantidade comercializada de crisântemo comum foi crescente no período, porém, com leves quedas em 1989 e 1990 (Figura 4). Em termos regionais a DIRA de Sorocaba concentrou a maior quantidade comercializada pela CEAGESP em 1991, com um total de 5,5 milhões de maços (44%), vindo em seguida a DIRA de Campinas com 4,7 milhões de maços (39%). Contudo, em termos de município, Atibaia sempre foi o principal município produtor de crisântemo, que em 1983 já comercializava 1,2 milhão de maços. Entre 1988 e 1990 a quantidade comercializada ultrapassou 3 milhões de maços comercializados, atingindo em 1991 a expressiva quantidade de 2,9 milhões de maços, mais que duplicando a quantidade comercializada num período de nove anos.

Na DIRA de Sorocaba, segunda região de produção do estado, o município de Ibiúna comercializou 1,9 milhão de maços pelo entreposto da CEAGESP em 1991, destacando-se como o principal

município produtor da região. A quantidade comercializada é crescente no período, porém, com leves quedas de comercialização em 1987 e 1989. O município de Cotia vem em seguida com uma quantidade comercializada de 1,5 milhão de maços em 1991, sendo que no período considerado este município sempre comercializou quantidades médias acima de um milhão de maços (Figuras 5 e 6).

Na Grande São Paulo, o município de Moji das Cruzes é um grande produtor em termos de comercialização, em 1983 já comercializava mais de um milhão de maços anuais. Nos anos de 1988 e 1989 a quantidade ultrapassou os 2 milhões de maços, tendo em 1991 comercializado 1,5 milhão de maços.

- Rosa

A rosa cortada é a segunda principal flor de corte comercializada pela CEAGESP. O volume é expressivo, tendo em 1991 sido comercializados 4,8 milhões de dúzias. Por ser uma flor tradicional de consumo, a rosa é cultivada em quase todos os municípios tradicionais produtores de flores, tendo a

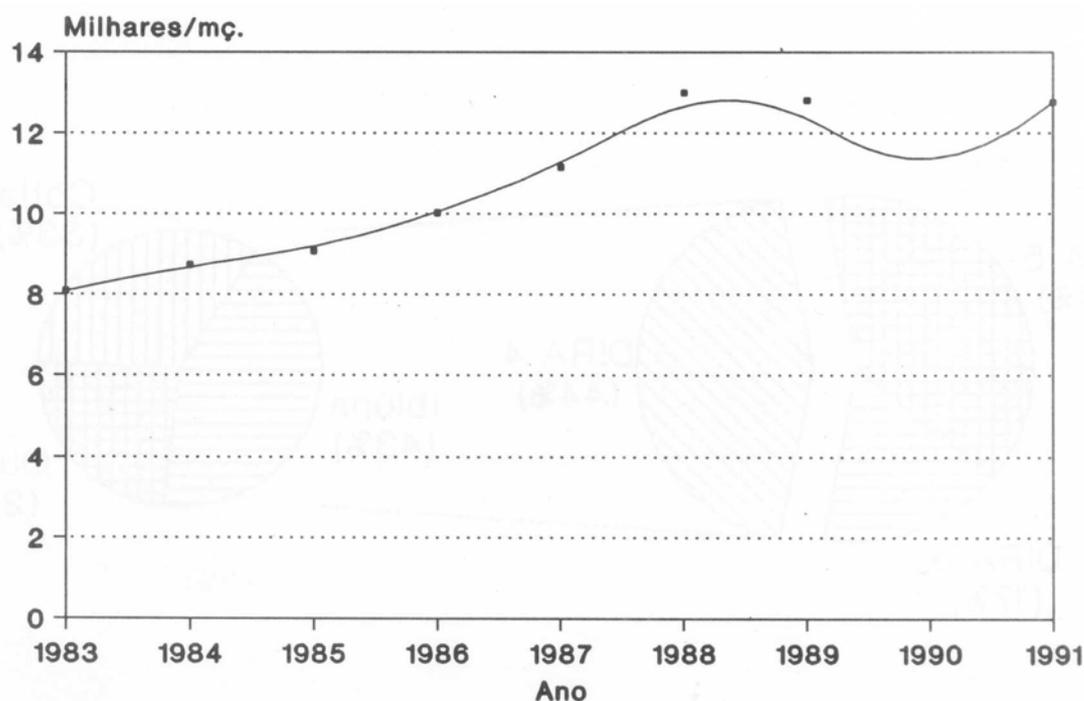


FIGURA 4 - Quantidade Comercializada de Crisântemo Comum, através do ETSP-CEAGESP, 1983-91.

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91

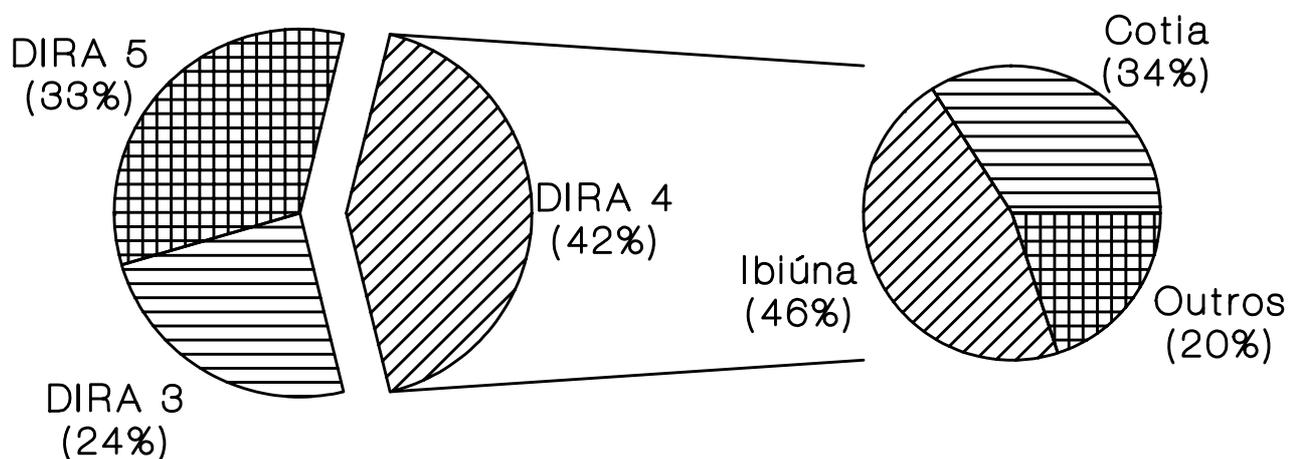


FIGURA 5 - Participação, por DIRA, da Entrada de Crisântemo Comum no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983.

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

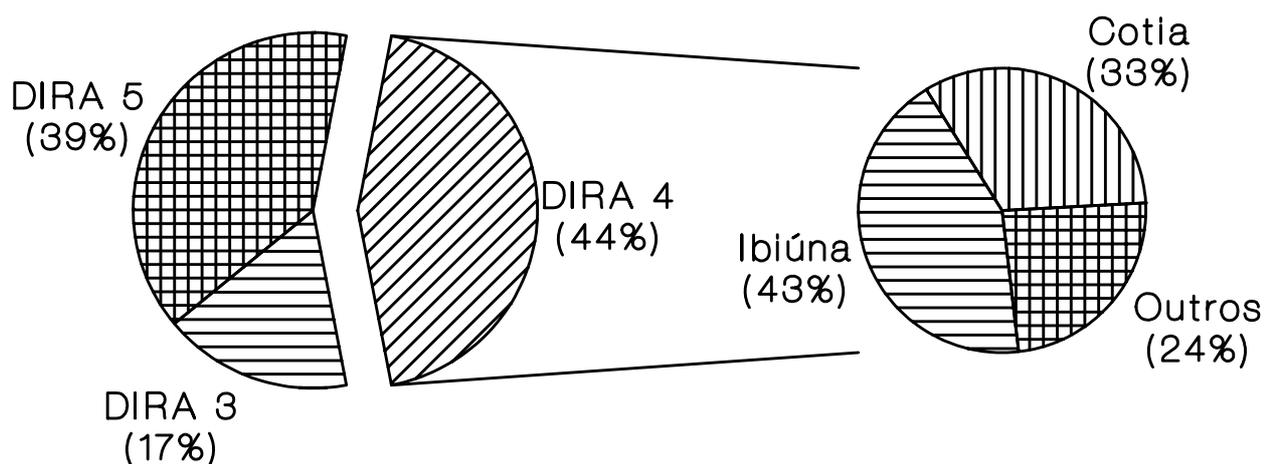


FIGURA 6 - Participação, por DIRA, da Entrada de Crisântemo Comum no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1991.

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

sua produção aumentado em 21% entre 1983 e 1991 (Figura 7).

A rosa foi comercializada por 123 municípios através do entreposto da CEAGESP, no período considerado, o que confirma ser a rosa, juntamente com o crisântemo, a flor que tem a maior dispersão de produção no estado.

A rosa produzida no estado tem o mercado interno como destino final. Apesar de ser uma das três flores cortadas de maior consumo mundial, o produto ainda não tem a qualidade desejada para a exportação. A única empresa, com qualidade na produção, que exporta a rosa cortada é a Brazil Flowers de Barbacena no Estado de Minas Gerais.

A principal região produtora em 1983 (80% da comercialização do estado) foi a DIRA de Campinas, mantendo a posição em 1991 com 76%. Isoladamente, o município de Atibaia lidera a produção; em 1983 este município detinha 61% da produção estadual, caindo para 50% em 1991 (2,4 milhões de dúzias), isso se deve ao crescimento da produção dos

demais municípios.

Na região, esse município representa sozinho 64% da produção comercializada, vindo a seguir os municípios de Piracaia e Bragança Paulista, da DIRA de Campinas, que aumentaram as suas produções no período mais recente.

Na DIRA de São José dos Campos os municípios de Jacareí e Moji das Cruzes, produtores de expressão em 1983, apresentaram declínio drástico em 1991, enquanto que Guararema, principal município produtor aumentou sensivelmente sua produção, quase que duplicando no período (Figura 8). Os demais municípios representativos da produção em 1983 aumentaram a produção em 1991 (Figuras 9 e 10).

- Branquinha

Em 1983 a DIRA de Sorocaba detinha sozinho a maior proporção comercializada de branquinha através da CEAGESP, representando cerca de 82% em 1991; essa participação caiu para 38% do

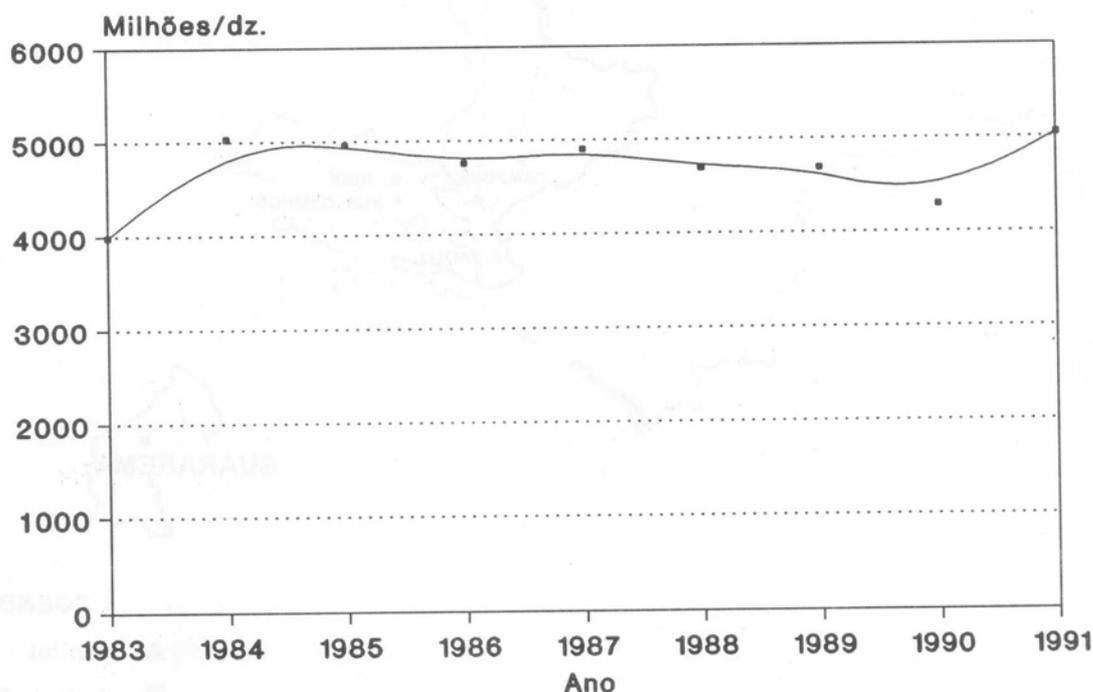


FIGURA 7 - Quantidade Comercializada de Rosa, através do ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983-91.

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91



FIGURA 8 - Principais Municípios Produtores de Rosa, Estado de São Paulo, 1991.
Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

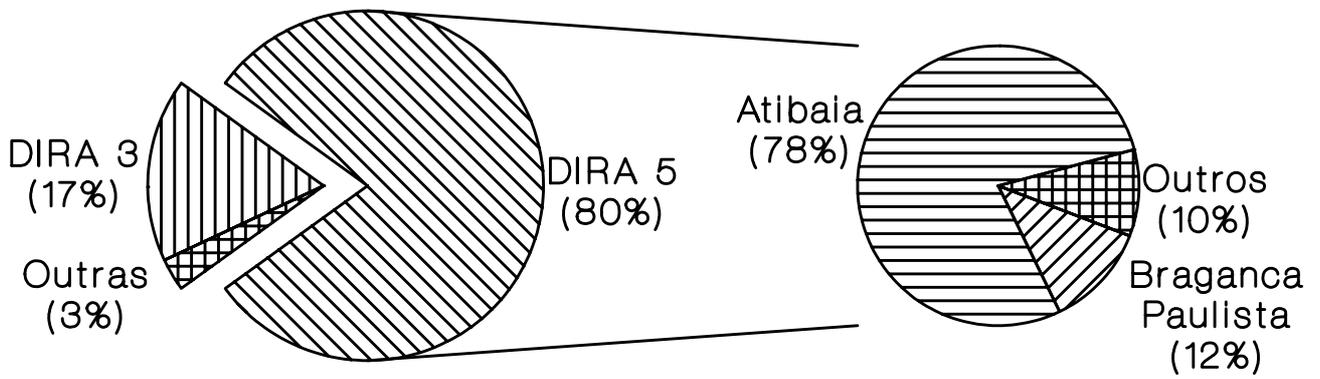


FIGURA 9 - Participação, por DIRA, da Entrada de Rosa no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983.
 Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

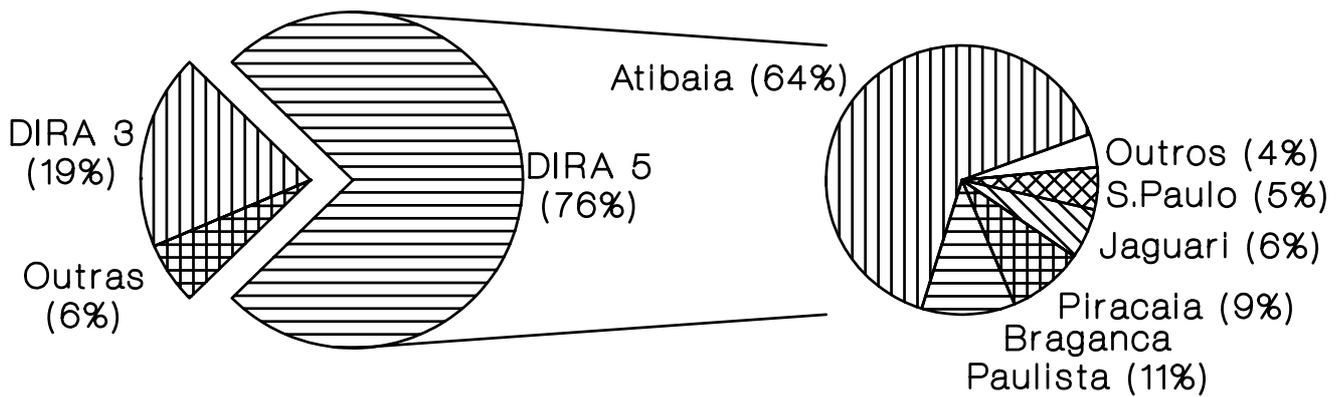


FIGURA 10 - Participação, por DIRA, da Entrada de Rosa no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1991.
 Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

total. No período de nove anos a DIRA de Campinas ganhou participação no mercado, alcançando 39% do total comercializado pela CEAGESP. Também a DIRA de São José dos Campos cresceu em participação atingindo 23% do total comercializado.

A branquinha é uma flor de corte que apresentou um crescimento vertiginoso. De 495,3 mil maços comercializados em 1983 aumentou em quatro vezes, atingindo em 1991 a quantidade expressiva de 2,4 milhões de maços comercializados (Figura 11). Isso representa metade da quantidade de rosa, ocupando a terceira posição em termos de comercialização (Figura 7).

O município de Cotia, em 1983, era grande produtor de branquinha, detendo sozinho 66% da comercialização do estado através da CEAGESP e 97% da produção da DIRA de Sorocaba (Figura 12). Apesar de, em 1991, a sua participação na comercialização do estado ter caído para somente 21,2%, ainda é um grande município produtor, pois, de 1983 a 1991, cresceu

quase 60,0% na participação da comercialização. Em 1991 o principal município produtor foi Atibaia, da DIRA de Campinas (Figura 13). Em 1983 este município pouco representava na comercialização. Em 1991 participou com 33,0% da comercialização do estado através da CEAGESP. Em termos regionais o município representa 88% do total comercializado pela região. Na DIRA de São José dos Campos, o município de Guararema tem aumentado a sua participação no total comercializado pela CEAGESP.

Mais de 100 municípios comercializaram o produto através da CEAGESP em 1991, destacando-se cinco principais: Ibiúna e Cotia na DIRA de Sorocaba, Jacaré e Guararema na DIRA de São José dos Campos e Atibaia na DIRA de Campinas (Figura 14). Em anos mais recentes, municípios não tradicionais, como Guararapes, Araçatuba, Flórida Paulista, Itápolis, Pirangi, no interior do estado, e Arthur Nogueira, Limeira e Cosmópolis, municípios mais próximos a São Paulo, entraram no mercado.

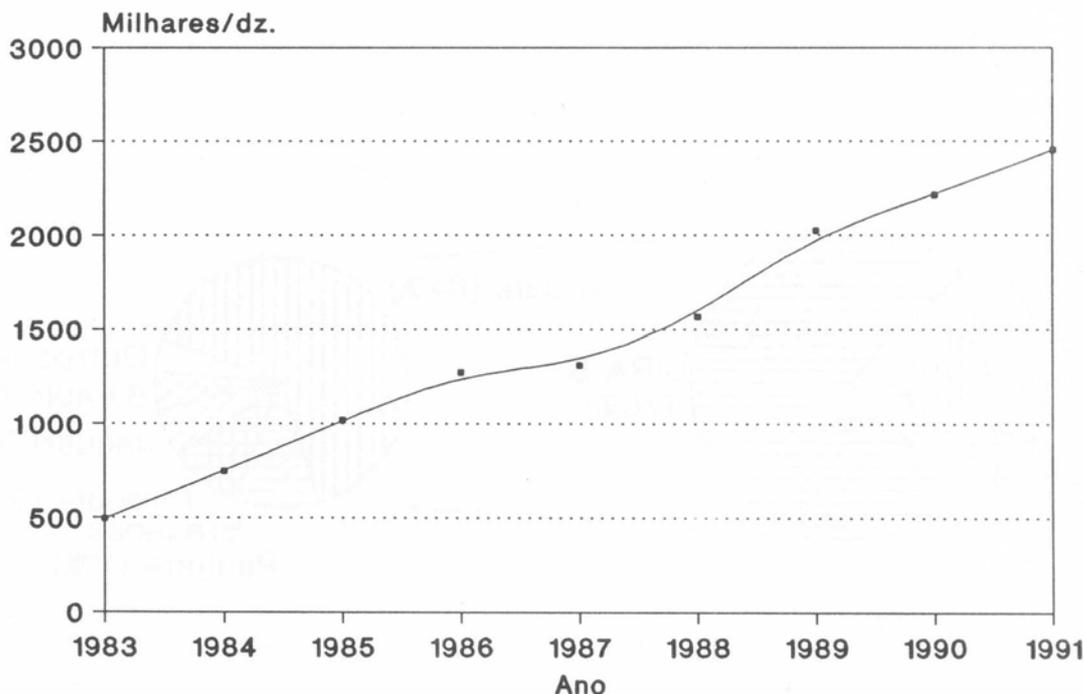


FIGURA 11 - Quantidade Comercializada de Branquinha, através do ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983-91.

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

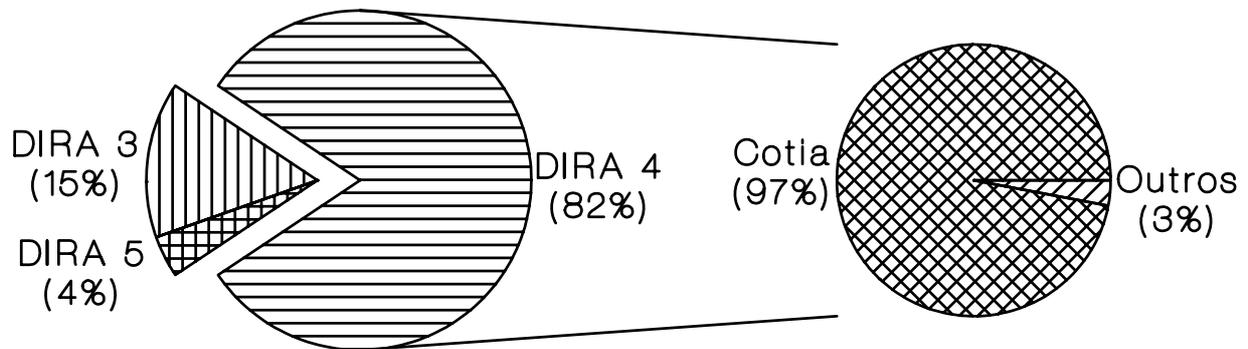


FIGURA 12 - Participação, por DIRA, da Entrada de Branquinha no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983.
Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

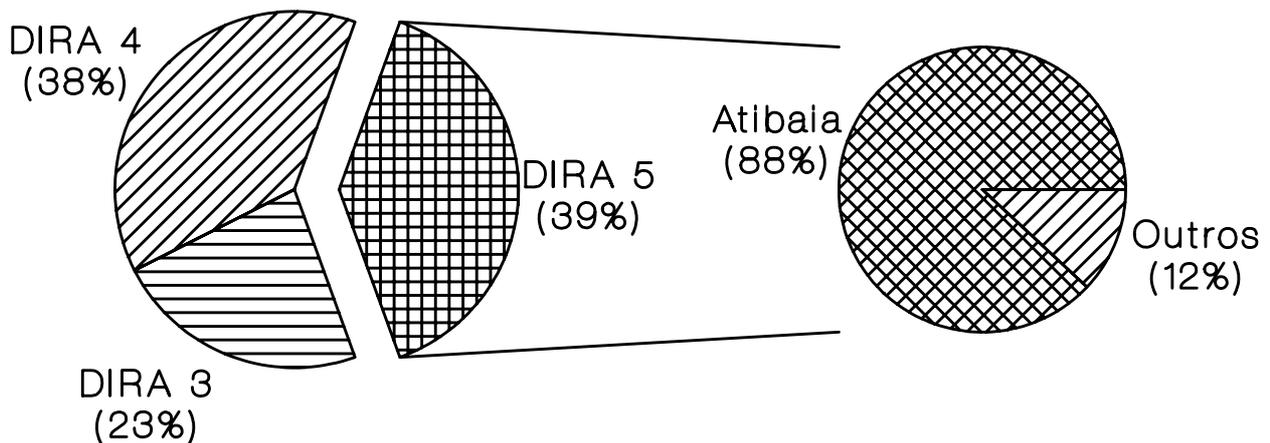


FIGURA 13 - Participação, por DIRA, da Entrada de Branquinha no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1991.
Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

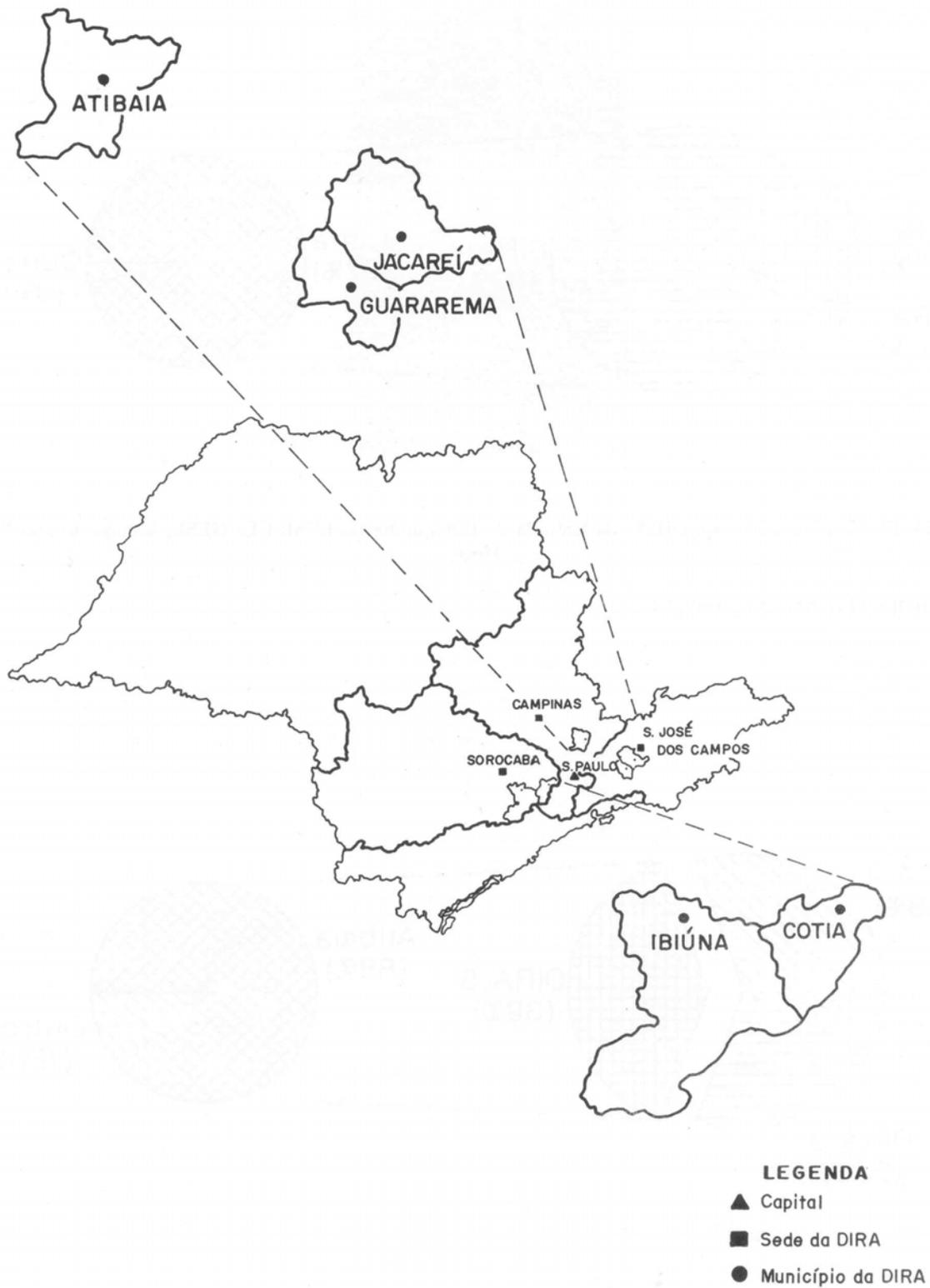


FIGURA 14 - Principais Municípios Produtores de Branquinha, Estado de São Paulo, 1991.
Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

- Mistura de Flores

O município de Guarulhos, que localiza-se na DIRA de Campinas, é o município tradicional produtor de mistura de flores e, em 1983, dominava o comércio praticamente sozinho (Figura 15). Em 1991 deteve 35,6% da comercialização do estado através da CEAGESP e 76% da produção da DIRA (Figura 16). Mais recentemente, o município de Jaguariúna da DIRA de Campinas tornou-se o principal competidor de Guarulhos, pois em 1991 comercializou, através da CEAGESP, 32,7% do total do estado. Suzano na DIRA de São José dos Campos e Cotia na DIRA de Sorocaba também são municípios de grande expressão na produção de mistura de flores (Figura 17). Esses municípios produzem ainda flores de corte, que ocupa a quarta posição entre as mais comercializadas no estado. No período de nove anos este setor duplicou sua produção (Figura 18).

- Cravo

A cultura do cravo merece uma consideração a parte, pois a redução na quantidade comercializada foi muito drástica (Figura 19). Dois fatores podem estar associados à queda observada. Um devido à mudança de hábito por parte do consumidor, pois enquanto o setor de floricultura era ainda incipiente, o cravo detinha um mercado cativo; quando outras flores entraram no mercado diversificando a oferta, o consumo caiu. O outro fator está associado à tecnologia de produção, devendo-se à dificuldade em adequar uma haste resistente ao tombamento durante o ciclo produtivo. Esse fato acarreta problemas na condução da cultura e aumentos no custo, pela necessidade de maiores tratamentos culturais. Sem grande expressão na quantidade comercializada em comparação com as demais flores, observam-se, regra geral, quedas na quantidade comercializada em municípios que eram tradicionais produtores em 1983, podendo-se citar, na DIRA de São José dos Campos, Moji das Cruzes; na DIRA de Sorocaba, Cotia; e na DIRA de Campinas, Atibaia, São Paulo e Jaguariúna (Figura 20).

A cultura foi importante no município de Atibaia no período de 1985 a 1987, decrescendo desde

então. Em 1993, as DIRAs de Sorocaba (41%) e de Campinas (40%) dominavam a produção e comercialização regionais. Naquele ano, o município de Cotia, localizado na DIRA de Sorocaba, detinha 60% da comercialização através da CEAGESP, enquanto Ibiúna participava com 40% (Figura 21). De 1983 a 1991 a participação da DIRA de Sorocaba aumentou para 51%, com aumento significativo da comercialização pelo município de Cotia (96%) e redução da participação do município vizinho de Ibiúna (4%) (Figura 22).

- Gladiolo

O gladiolo também mostra a particularidade de uma quantidade comercializada significativamente decrescente no período (Figura 23). De uma quantidade comercializada de 3,3 milhões de maços em 1983 caiu para 481,8 mil maços em 1991, o que representa tão somente 14,5% do total comercializado em 1983.

Como cultura tradicional em tempos passados, o gladiolo foi a flor de corte comercializada em maior quantidade que a atual enquanto existiam poucas opções. A tradição de uso do gladiolo na semana santa particularizou o seu comércio, conseqüentemente reduziu a preferência como flor de consumo diário. Essa tendência e o surgimento de outras alternativas de flores cortadas no mercado explicam a queda observada ao longo do tempo. Como o gladiolo tem poucas variedades no mercado, nas décadas de 60 e 70 foram importadas matrizes visando aumentar a oferta de variedades. Porém, a não adaptação ao clima e a susceptibilidade a pragas e doenças fizeram que houvesse redução drástica no cultivo, diminuindo inclusive o número de produtores do gladiolo (GATTI, 1988).

Além da queda de consumo e das dificuldades técnicas de produzir novos híbridos, parte da redução na comercialização pode ser explicada pela instalação do *veiling* da HOLAMBRA em anos recentes, deslocando a comercialização da capital para aquele leilão. Em 1983 a DIRA de Campinas detinha sozinha 93% da comercialização através da CEAGESP, reduzindo esta participação, em 1991, para 66%.

O município de Jaguariúna na DIRA de Campinas foi o principal município produtor de gla-

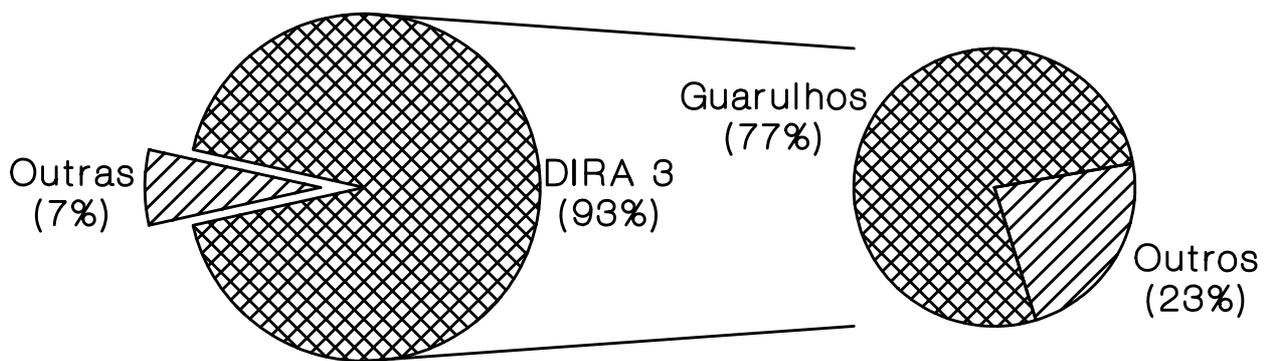


FIGURA 15 - Participação, por DIRA, da Entrada de Mistura de Flores no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983.

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

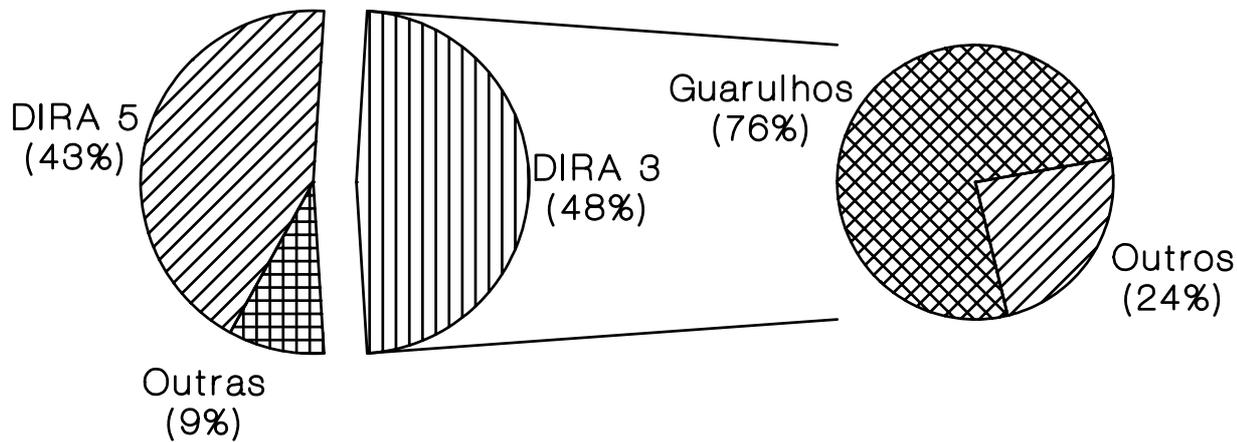


FIGURA 16 - Participação, por DIRA, da Entrada de Mistura de Flores no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1991.

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.



FIGURA 17 - Principais Municípios Produtores de Mistura de Flores, Estado de São Paulo, 1991.
 Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

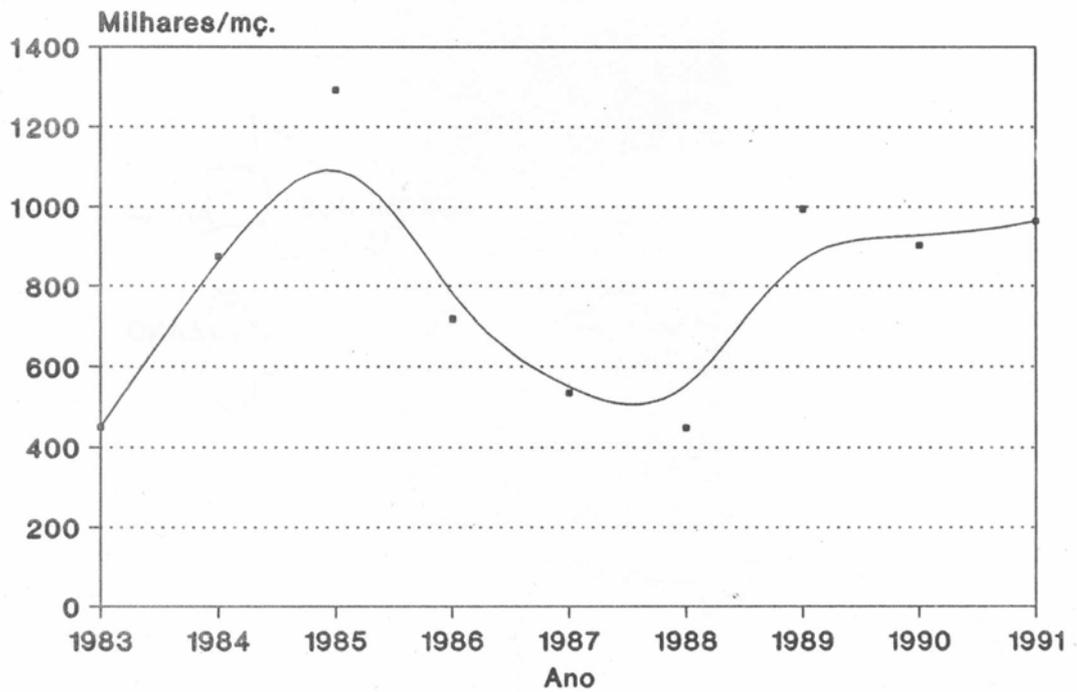


FIGURA 18 - Quantidade Comercializada de Mistura de Flores, através do ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983-91.

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

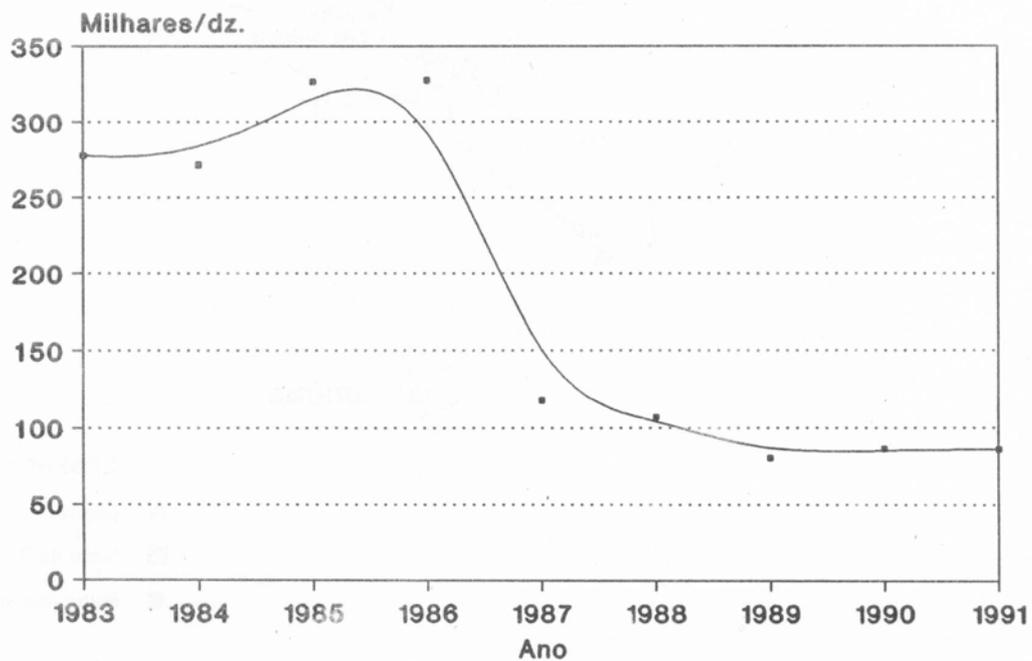


FIGURA 19 - Quantidade Comercializada de Cravo, através do ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983-91.

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.



FIGURA 20 - Principais Municípios Produtores de Cravo, Estado de São Paulo, 1991.
 Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

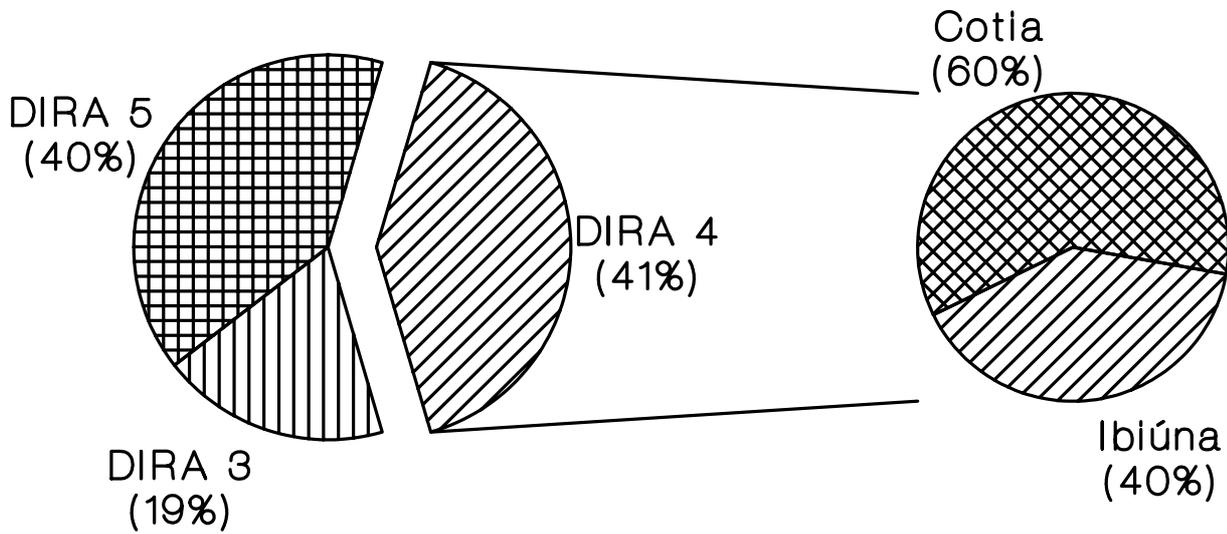


FIGURA 21 - Participação, por DIRA, da Entrada de Cravo no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983.
 Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

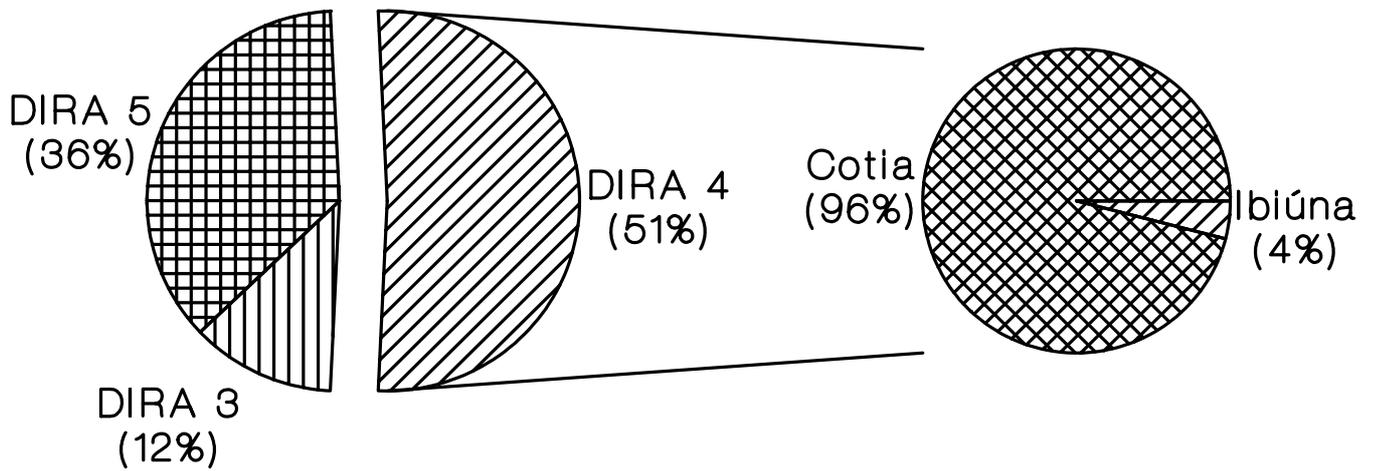


FIGURA 22 - Participação, por DIRA, da Entrada de Cravo no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1991.
 Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

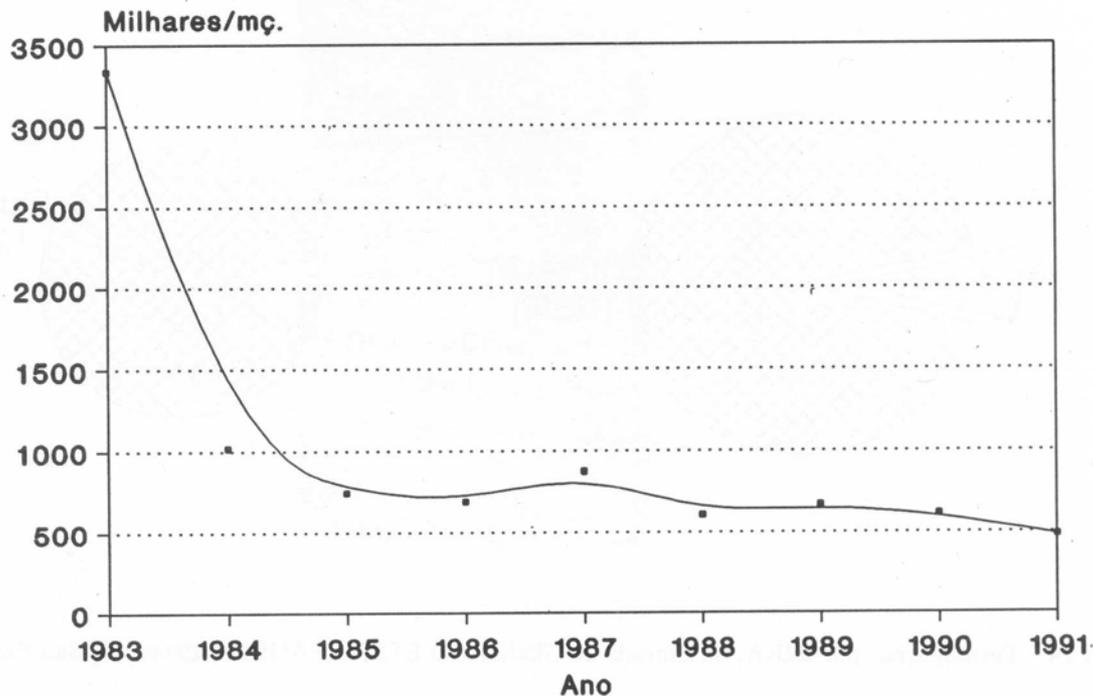


FIGURA 23 - Quantidade Comercializada de Gladiolo, através do ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983-91.

Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

díolo (Figura 24). Em 1983 a comercialização pelo município, através da CEAGESP, totalizou quase 3,0 milhões do total de 3,3 milhões de maços do estado. Desde então a quantidade comercializada decaiu drasticamente, atingindo, em 1991, somente 81,6 mil maços. O município de Taubaté, situado na DIRA de São José dos Campos, segundo maior município produtor, em 1983, comercializou 140,3 mil maços decaindo desde então a participação na comercialização.

Em 1991 o município de São Paulo, localizado na DIRA de Campinas, tornou-se o principal município de produção (73% da quantidade comercializada pela região), atingindo 226,3 mil maços, o que representa cerca de 47% do total comercializado (Figura 25). Os municípios de Jaguariúna, Taubaté, Paranapanema, Registro e Jacareí são os demais municípios que comercializam o gladiolo em maior quantidade através da CEAGESP (Figura 26).

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O segmento de flores e plantas ornamentais encontra-se razoavelmente organizado na produção e no varejo, contando com uma adequada estrutura no atacado. Com a abertura do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), as questões emergentes como padronização, qualidade e fitossanidade têm prioridade na discussão através da Câmara Setorial de Flores e Plantas Ornamentais com destaque para as flores de corte. Isso é evidenciado pelo crescimento que vem sendo observado no setor ao longo da década de 80 e início dos anos 90, contudo, deve-se destacar que gladiolo e cravo, flores que predominaram no passado recente, mostraram tendência de queda acentuada.

A produção das principais flores de corte estão consolidadas nas regiões mais tradicionais dessa atividade, indicando o município de Atibaia como o principal produtor do estado.

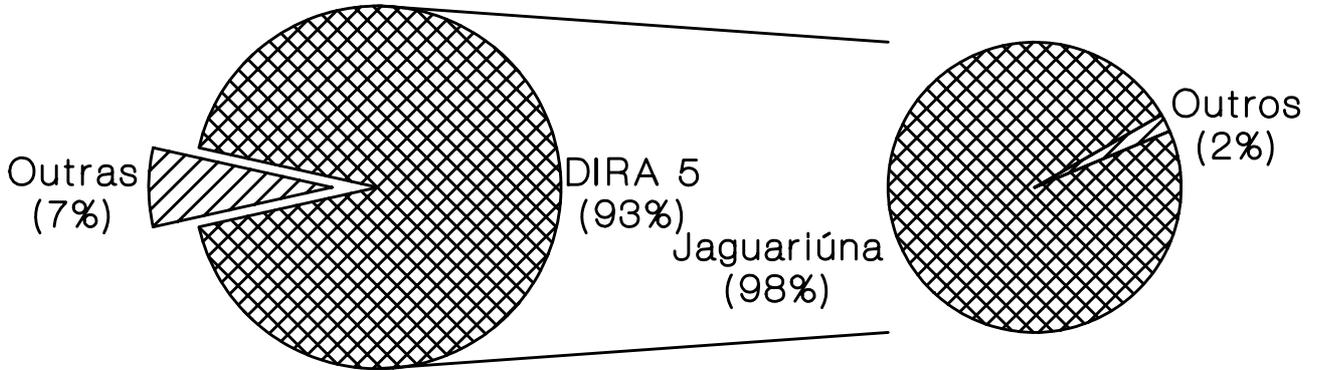


FIGURA 24 - Participação, por DIRA, da Entrada de Gladiolo no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1983.
 Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

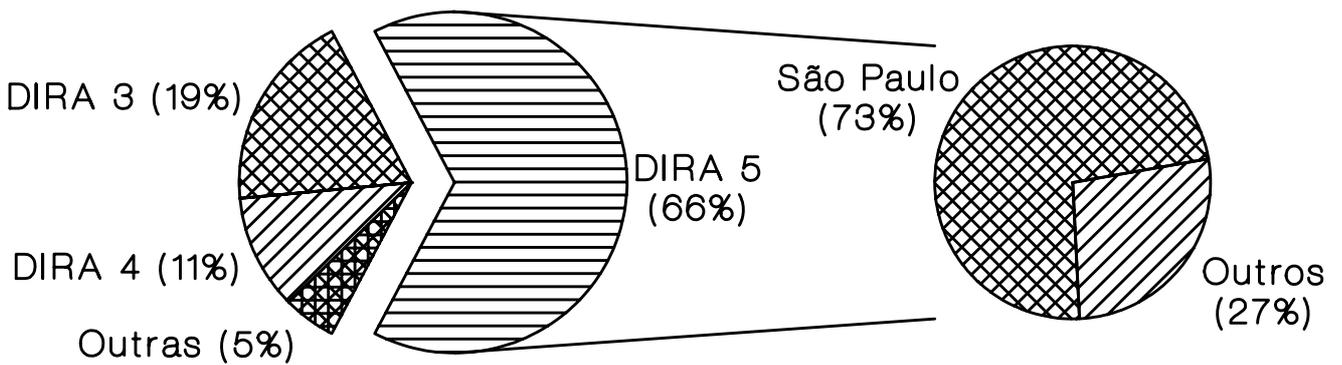


FIGURA 25 - Participação, por DIRA, da Entrada de Gladiolo no ETSP-CEAGESP, Estado de São Paulo, 1991.
 Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.



FIGURA 26 - Principais Municípios Produtores de Gladiolo, Estado de São Paulo, 1991.
 Fonte: BOLETIM ANUAL, 1983-91.

O pouco conhecimento do setor resulta na dificuldade em se perceber a importância da floricultura como alternativa econômica no estado, principalmente para as regiões próximas aos grandes centros consumidores. Os resultados apontam para a busca de informações mais precisas em nível de produtores e municípios. Os levantamentos subjetivos, realizados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), poderão ser melhor aproveitados desde que tenham um adequado procedimento para a coleta dos dados.

LITERATURA CITADA

- BOLETIM ANUAL. São Paulo, CEAGESP, 1983-91.
- CASTRO, Carlos E. F. A floricultura no Brasil. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FLORICULTURA E PLANTAS ORNAMENTAIS, 1, Maringá, 13-16 out. 1992. **Manual de floricultura**. Maringá, Universidade Estadual, 1992. p.1-11.
- CRISCUOLO, Paulo D. et alii. **Perfil da roseicultura no Estado de São Paulo, 1976/77**. São Paulo, IEA, 1980. 56p. (Relatório de Pesquisa, 03/80).
- FLORA CULTURE INTERNATIONAL. For Colombia, the business for flowers is change. s.l.p., Flora Culture International, Jan./Feb. 1992.
- GATTI, Elcio H. **Aspectos econômicos da floricultura no Brasil**. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FLORICULTURA E PLANTAS ORNAMENTAIS, 1, Maringá 13-16 out. 1992. **Manual de floricultura**. Maringá, Universidade Estadual, 1992. 20p.
- _____. A evolução recente do setor de flores e plantas ornamentais no Brasil. **Agricultura em São Paulo**, SP, 35(T.único):123-147, 1988
- MATHES, Luiz A.F. et alii. **Programa integrado de pesquisa: flores e plantas ornamentais**. São Paulo, CPA, 1985. 28p.
- MIRANDA, Marinêz A.L. **Floricultura: diagnóstico da situação, medidas corretivas**. São Paulo, CATI/DOT, 1970. 28p.
- PROFLOR. **Associação dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais de Atibaia**. Lista de associados da PROFLOR. s.l.p., PROFLOR, 1993. 25p.
- SÃO PAULO. Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. **Composição da Câmara Setorial de Flores e Plantas Ornamentais do Estado de São Paulo: regimento interno**. São Paulo, SAA, mar. 1992. 15p.

PERFIL DA PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS FLORES DE CORTE NO ESTADO DE SÃO PAULO

SINOPSE - O objetivo da pesquisa é ampliar o conhecimento existente sobre o perfil da produção de flores e de sua localização no Estado de São Paulo. A pesquisa identifica a origem de seis flores de corte mais representativas, comercializadas através do mercado atacadista da cidade de São Paulo. Os resultados mostram tendência de especialização regional com aumento geral do volume produzido, principalmente nas regiões de Registro, São José dos Campos, Sorocaba e Campinas.

Palavras-chave: flores, especialização regional.

ASPECTS OF THE MAIN CUT FLOWERS IN SAO PAULO STATE

ABSTRACT - The objective of this paper is to enlarge the present knowledge concerning flower production as well as localization aspects in Sao Paulo State. It identifies the origin of the six major cut flowers traded in the wholesale market of Sao Paulo City. The results show a trend of regional specialization, with a general increase in the produced volume, mainly in the regions of Registro, Sao Jose dos Campos, Sorocaba and Campinas.

Key-words: flowers, regional specialization.